

DEBATE

Depois do triste futebol candango, que domingo passado abriu o debate semanal proposto pelo CB, outro assunto polêmico: uma representação política para Brasília.

Hoje, ao contrário de há alguns anos, o assunto já comporta ao menos discussão, e as opiniões favoráveis surgem sem qualquer timidez. Existe até quem admite uma "Gaiola de Ouro", como aquela que deixou tristes recordações no antigo Distrito Federal, a cidade do Rio de Janeiro. É a fome de eleições que se observa no brasileiro, um animal bem mais político e politizado do que se possa imaginar.

A pergunta está lançada:

O que fazer do eleitorado de Brasília?

O novo DF também deve ter a sua "Gaiola de Ouro"?



Jorge da Motta e Silva
(Chefe do Gabinete Civil
do GDF)

**Para que?
Entre o
mais e o
menos,
fico com
o mais**

Eleição em Brasília? Para que?

Em tudo quanto faço ou desejo, sou ambicioso. Brasília é a Capital do país e por isso deve sempre ter o melhor. Querer uma representação política para esta Cidade é reduzir-la de nível, situando -la no mesmo patamar das demais. Pois já não temos uma representação de 66 senadores e mais de 300 deputados? Que cidade ou Estado do País goza desse privilégio?

As reivindicações dos brasilienses, aquelas de natureza política, já são hoje encaminhadas por intermédio dos deputados e senadores de seus Estados de origem. É que a nossa Capital ainda se encontra nos albores da idade e por isso mesmo os mais velhos - aqueles que podem reivindicar não nasceram aqui, mantendo, assim, ligações políticas com os representantes de sua terra.

A Comissão do Distrito Federal do Senado, por onde passam necessariamente todos os interesses de Brasília, é um órgão da mais alta qualificação e permanentemente atento a tudo quanto diz respeito à cidade. É ao mesmo tempo um termômetro e um cismógrafo. Ajuda, fiscaliza, cobra, critica e defende.

Sou, por conseguinte, inteiramente contrário a qualquer representação parlamentar do Distrito Federal. O seu surgimento importaria praticamente na demissão do Senado e da Câmara da participação que hoje têm na vida política dos brasilienses. Entre o mais e o menos, tico com o mais.

**Talvez
seja
melhor
e mais
fácil**

Prefiro os princípios: o voto deve ser universal e gratuito e o Congresso Nacional, como poder político, deve representar a unanimidade do povo brasileiro.

Portanto, os habitantes de Brasília devem votar, escolher seus representantes. Consequentemente, devem ter vida política normal, participar dos partidos e viver a responsabilidade do jogo eleitoral.

O problema técnico de conciliar aspectos da condição peculiar de Brasília, como Capital, sede do Poder Federal, com os naturais problemas da atividade eleitoral, é outra coisa.

Tenho dúvidas sobre a necessidade de uma Câmara de Vereadores (que, no Rio, quando Capital, foi sempre uma espécie de padrão brasileiro de corrupção), mas não seria muito difícil encontrar formas de representatividade comunitária. Brasília deveria ser um eficiente laboratório de reformas políticas e de organização comunitária.

Parece-me, porém, que a posição dominante, desde a fundação de Brasília, foi torná-la politicamente neutra, eleitoralmente incapaz e representativamente inexistente.

Isso de dizer que o Senado Federal supre essa situação é asneira. Supre nada. No Rio, nomeava filhos e genros para a famosa "Procuradoria", na época a melhor sinecura do Brasil. Em Brasília, comporta-se distanciadamente, com simpatia, mas seguramente sem paixão. Congresso é, fundamentalmente, representatividade.

Já entendi que o DF teria na Câmara dos Deputados e no Senado Federal uma representação universal, somando-se às demais bancadas, numa grande expressão política para dialogar e para esgrimir.

Hoje, no entanto, vejo que uma representação própria teria responsabilidade direta. Teria o "munus" e o "status" para falar em nome dos interesses do povo. Conduziria um diálogo, que hoje não existe, até os ouvidos coroados e as salas anodizadas para dizer o que se faz indispensável à esta população.

E no particular, o cone de silêncio que nos sufoca, chega a ser quase insuportável.

(Editor do Semanário
"José")



Expedicto Quintas
(Correio Braziliense)

**O novo
"status"
exige que
tenhamos
eleições**

Já fui contra. Rigorosamente contra.

Hoje, no entanto, sou totalmente a favor.

Isto porque Brasília tinha um Plano Piloto, tinha uma legislação altamente dinâmica e nada disso foi deviamente levado em conta, quando a cidade ganhou dimensão populacional ela alçou-se de "status" social mas não houve correspondência nos critérios para selecionar seus dirigentes maiores.

Não é preciso personalizar, nem citar fatos por demais conhecidos que justificam sobremaneira uma representação política, no DF composta de homens que efetivamente possam postular, possam discutir, saibam colocar e tenham habilidade e qualificação institucional para fazer prevalecer, seus pontos de vista com poder de influenciar, exercendo efetivamente o papel de moderação e de intermediação naquilo em que as necessidades do público e alma da cidade diferirem dos critérios administrativos do Governo local.

Já entendi que o DF teria na Câmara dos Deputados e no Senado Federal uma representação universal, somando-se às demais bancadas, numa grande expressão política para dialogar e para esgrimir.

Hoje, no entanto, vejo que uma representação própria teria responsabilidade direta. Teria o "munus" e o "status" para falar em nome dos interesses do povo. Conduziria um diálogo, que hoje não existe, até os ouvidos coroados e as salas anodizadas para dizer o que se faz indispensável à esta população.

E no particular, o cone de silêncio que nos sufoca, chega a ser quase insuportável.

**O que é bom
para os EUA
é argumento
que não se
aplica aqui**

O principal argumento contra as eleições em Brasília fundamenta-se, essencialmente, no exemplo de que elas também não ocorrem em Washington. Isto é, o que é bom para os norte-americanos, também será bom para o Brasil.

Tal formulação até que não é tão escandalosa quanto parece ser à primeira vista, pois inúmeras conquistas dos EUA, de caráter universal, seriam boas para os brasileiros como para qualquer outra parcela da Humanidade. A prática, democrática sedimentada é uma delas, da qual ressaltam as eleições autênticas e os direitos individuais assegurados aos nossos irmãos do Norte.

Digo então que, lá por aquelas bandas, se pode dar ao luxo da obstinação de eleições em Washington. O que é bom para a comunidade de Washington, entretanto, não é bom para a comunidade de Brasília. Quando vemos aquelas passeatas de protesto defronte à Casa Branca, desfraldando cartazes agressivos e provocadores, não temos nenhuma dúvida de que são fulminados, no nascedouro, os argumentos dos que procuram similitudes entre Brasília e Washington. Em Brasília, porém, precisamos votar não somente nas eleições do late Clube. Precisamos votar no Brasil inteiro. Votar, votar, votar.

Quanto mais votarmos, tanto mais estaremos aprendendo a fazer democracia, tomando consciência do valor do voto, do processo de avaliação sob inspirações de interesse público. Criando, enfim, aquela grande Nação de representatividade insuspeitosa, na qual a maioria comande os nossos destinos com a certeza de que cumpre aspirações hauridas na boca das urnas.

Por via de consequência, sou favorável às eleições em Brasília. Em todos os níveis, mesmo sob o pânico de uma futura "Gaiola de Ouro". Com fundadas esperanças, naturalmente, de que meus netos possam dar-se ao luxo, um dia, de dispensarem as eleições no DF.

Fábio Mendes (Visão)



Flamarion Mossri
(Jornal do Brasil)

**A partir
dos 18 anos
todo mundo
pode votar.**

Até o DF

Eleições em Brasília? Mas é claro que somos a favor, desse e de todas as eleições possíveis. Se as contas e os atos do Governo Federal devem ser examinados e fiscalizados pelo Congresso Nacional, por que os atos e as contas do Governo do Distrito Federal não podem ser fiscalizados por representantes do povo da Capital?

O eleitorado de Brasília é igual ou maior que o de Sergipe e Alagoas e cinco ou seis vezes superior ao do Acre. Temos aqui pessoas capazes de representar a população da cidade, sem depender da boa vontade, da disposição e do tempo disponível dos senhores senadores que integram a "Comissão do Distrito Federal". Afinal, os senadores não foram eleitos para ficar atentos aos problemas de Brasília, mas do país.

Uma boa data para inaugurar a representação política de Brasília seria 1978. A Capital completará 18 anos e poderia votar e ser votada. Para começar, que o eleitorado brasiliense, possa votar no seu governador, escolhendo um elemento nosso para ocupar o Palácio do Buriti. Por que só temos tido governadores estranhos à cidade?

Para uma cidade especial como Brasília, que se escolha uma representação especial, uma câmara de representantes que pudesse exercer as funções, simultaneamente, de câmara municipal e assembleia legislativa. A Comissão do Distrito Federal do Senado funcionaria, no caso, como Câmara revisora. Sei lá. O assunto merece ser estudado. Desde que a solução implique em eleições no DF.

**Não se
muda o
que está
dando
certo**

Os três Poderes da República estão instalados em Brasília. O Executivo, com toda sua máquina, hoje funciona aqui. E bem. Até mesmo alguns órgãos recalcitrantes já tomam o rumo do Planalto, ainda que de baixo de vara. Dispõe a Capital Federal de todo um corpo legislativo, cujos membros residem efetivamente em Brasília. Só esse fato já constitui razão fundamental para que Senadores e Deputados trabalhem pelos interesses da cidade.

Para que então mudar o que está dando certo?

Se resolvessemos eleger Deputados e Senadores por Brasília, torna-se mais que evidente que só faríamos reduzir nossa representação. O dever de pelejar pelos assuntos locais ficaria apenas para a nossa bancada, ao passo que hoje contamos com a totalidade das duas Casas do Congresso. Se partíssimos para a solução de uma Assembleia Legislativa, nada mais conseguíramos que criar um poder de pressão, muitas vezes negativa, para atuar sobre o Governo do Distrito Federal. E se chegássemos ao exagero de inventar uma Câmara de Vereadores, não correríamos apenas o risco de instituir uma "Gaiola de Ouro", de triste memória, como a que existiu no passado na atual província do Rio de Janeiro.

Poderíamos até vê-la multiplicada; uma para cada cidade satélite, transformando as Administrações Regionais num inferno, cujas maiores vítimas, além dos Administradores, seriam os seus habitantes.

O melhor mesmo é respeitar o princípio de que não se muda o que está dando certo.

(Diários Associados)

